

## HUMBERTO WERNECK



### Nós na foto

Com o risco de você achar que sou mais um caso de brasileiro acometido de carência cívica, ávido por reconhecimento externo da nossa terra e gente, devo confessar que não resisto à leitura de quem escreva sobre nós. Nem precisa que seja para falar bem. Ainda quando pouco simpáticas, certas impressões soam deliciosas, além de iluminadoras de realidades nem sempre claras para quem esteja nelas mergulhado.

Podemos não concordar, por exemplo, com o que registrou em cartas a compatriota seus a poeta americana Elizabeth Bishop, nos 20 anos que

aqui viveu, mas vamos admitir que ela não estava tão enganada ao anotar que a "mistura de bom gosto com gosto atroz é bem brasileira". Algumas de suas observações, convenhamos, são pelo menos divertidas: "Há uma espécie de obsessão com beleza – todo mundo vive descrevendo os olhos e os narizes e os cabelos das crianças – e quando os vejo muitas vezes me decepciono. Mas o nível geral de beleza é um tanto baixo." Ou esta: "Já observei que os escritores daqui costumam aparecer em fotos deitados em redes, e talvez seja este o problema da literatura brasileira."

Veja se Elizabeth não tem razão: "Os brasileiros parecem adorar doenças.

(...) É muito interessante adoeecer e tomar remédio em português, e os brasileiros ficam na maior animação quando tem alguém doente." Nesse capítulo, vai ao ponto o diagnóstico da escritora: "O único órgão que a maioria dos brasileiros reconhece é o fígado; a gente chega a ficar enjoada de ouvir tantas conversas infundáveis sobre o estado do fígado de cada um."

O papo vem a propósito da leitura dos diários de outro escritor gaúcho, o mexicano Alfonso Reyes, embaixador no Brasil de 1930 a 1936, período em que fez camaradagem vitalícia com um punhado de confrades brasileiros. Entre eles, Manuel Bandeira, que se inspirou no al-

moço de despedida do diplomata, no Jockey Club do Rio, para compor o "Rondó dos cavalinhos": "Os cavalinhos correndo, / e nós, cavalos, comendo... / Alfonso Reyes partindo, / e tanta gente ficando...".

Em seis anos de Brasil, o escritor mexicano se afeiçãoou ao País e aos brasileiros, mas os primeiros tempos, pelo que conta, foram pouco animadores. "Mundo demasiado colonial onde as pessoas ainda não sabem viver e as casas são más", avaliou ele mal chegou ao Rio. Também não gostou da São Paulo de 1932, onde parece ter apreciado apenas um almoço no finado Mappin. "Falta de proporção e estilo em tudo, falta de urbanismo", disse Reyes da capital paulista, e fulminou: "Injustificadas pretensões de cidade".

O panorama social, no começo, tampouco lhe pareceu alentador, ao ponto de levá-lo a externar irritação – até mesmo física, aliás, pois Alfonso Reyes mais de uma vez relata estar às voltas com um prosaico *pícor* "no pior lugar", nos recônditos de sua *lanza*.

"As amizades daqui são muito agradáveis porém muito superficiais", escreveu-se. "Os escritores vivem na lua. Se interessam, por esnobismo, pela Fran-

ça. E seus assuntos e problemas me deixam indiferente."

Indiferente? Nem tanto, nem por muito tempo. Num livro de 1953, *Memória de Cozinha e Bodega*, Reyes repeliu com veemência o pouco caso com que na crônica "Variações sobre a cozinha nacional" o amigo brasileiro Ribeiro Couto se referia ao picadinho, torcendo ainda o nariz para uma suposta sobrecarga de condimentos do vatapá e da feijoada. "Mas ele se cala sobre a deletável *canja*", protestou Reyes, puxando as orelhas culinárias de Ribeiro Couto: "Nada diz da *farrôfa*", que dá sentido aos "pratos picantes", nem do palmito com camarão, "uma combinação de alto estilo". Mas temperou: não deixava de ser inquietante "certo descuido do Brasil com respeito a suas tradições" nesse terreno.

No mesmo livro, Reyes nos critica por não sabermos preparar e saborear o café: "Em vez de tostá-lo, é frequente que o carbonizem; depois o desvirtuam com excesso de açúcar; e em seguida o engolem de um trago e sem degustá-lo, para que não esfrie. Mas queimar-se não é saborear." Você também assina embaixo?

FOTOS: EVILSON DE FREITAS/ESTADÃO

# Festa com luta ganha público na cidade

Na esteira do sucesso do MMA, Balada Fight e outros eventos se espalham por SP

Camila Brunelli

Salto alto, vestidos curtíssimos superjustos, maquiagem carregada. Apesar de a produção indicar festa ou balada, é só se aproximar um pouco para notar que não se trata de festa tradicional. No salão do Clube Homs, um dos mais tradicionais da cidade, na Avenida Paulista, dois profissionais em um ringue de luta de dimensões oficiais fazem o público vibrar a cada soco ou pontapé. Com a explosão do MMA (Mixed Martial Arts, ou artes marciais mistas), baladas com os mais variados tipos de luta se espalharam pela cidade. Boa parte do público é formada por alunos de artes marciais ou tem ligação com quem está lutando.

Luciano Rezende, de 35 anos, e Pêrides Aquiles, de 26, só fazem musculação, mas participaram da Balada Fight, promovida no fim de setembro pela academia Oficina, especializada em lutas. "O público é diferente – não tem costume de beber, é geração saudável, treina. Aqui também tem maior concentração de mulheres saradas", disse Rezende.

Fã dos embates, a estudante Ana Paula Queiroz, de 26 anos, trabalha na Federação Paulista de Lutas e costuma frequentar

lutas em ginásios e clubes. Ela e a amiga jornalista Tatiana Barros, de 27, estavam no camarote da Balada Fight. O ingresso, com direito a bebidas e sanduíches, é de R\$ 100. O ingresso mais barato custava R\$ 45, sem consumação. "Vale a pena, é como um show", contou Tatiana.

A diferença do público, diz Ana Paula, está na quantidade de "Maria Tata" – espécie de Maria Chuteira, só que dos ringues. "Aqui tem muitas. Elas vêm para se mostrar aos lutadores."

Ex-praticante de boxe, a modelo Mayra Monteiro, de 29 anos, tem amigos no mundo da luta e já namorou boxeador. "É uma coisa que eu gosto, a gente se dava super bem. Quero casar com lutador." Ela pagou com convicção o ingresso do camarote. "É caro, mas vale a pena pela visão privilegiada da luta e para curtir a balada com tranquilidade."

O técnico de PABX Cláudio Luiz Antunes, de 27 anos, foi à festa ver a luta do professor Peter Venâncio, campeão sul-americano de boxe e aposentado desde 2008, que lutou durante o evento. "Muitos dos meus alunos nunca tinham me visto lutar. Além disso, tenho dois filhos pequenos e gostaria que eles assistissem também."

UFC. Com muita música eletrônica, a ordem da festa era a seguinte: das 23h até 1h, sequência de lutas seguida por pausa para ver no telão a luta no Ultimate Fighting Championship (UFC) do brasileiro Vitor Belfort e do americano Jon Jones. Belfort perdeu e a balada começou, meio acanhada. A maioria do público mal se mexia e a pista de



Club Homs. Balada Fight reúne fãs de artes marciais em tradicional salão da Paulista: público sarado e lutas no meio da noite



Ringue. Transmissão do UFC em telão faz parte da festa

dança se animava aos poucos. Às 3 horas, começaram as lutas e, em seguida, a balada, que foi até 5 horas.

Outro evento com o mesmo

conceito, o Diamond Fight, organizado pelo Diamond Clube, em Santos, no litoral, foi promovido no dia da luta de Anderson Silva e Chael Sonnen, em julho. A dife-



Ingresso. Camarote, com bebida e sanduíche, custa R\$ 100

### De saltos altíssimos, 'ring girls' têm espaço garantido

● Uma das coisas que não podem faltar nesses eventos é a figura das "ring girls" – meninas de roupa curta que desfilam nos ringues segurando plaquinhas de sinalização, geralmente de novos rounds. Durante o Balada Fight,

uma das ring girls era Geisy Arruda, a estudante da Unibem que ficou famosa após ser hostilizada pelos colegas por usar um vestido curto rosa.

Trajando leggings preta imitando couro, blusa frente única e sapato meia pata de salto alto rosa, ela provocava operação especial quando subia ao ringue: precisava de uma pessoa para abaixar as cordas e outra para ajudá-la a passar. / C.B.

rença entre os dois eventos é que não havia momento específico para balada. O volume da música subia entre os confrontos.

A Oficina ainda promove as

chamadas Music and Fight – festas na academia que são preparadas para a Balada Fight prevista para abril. A última foi no sábado, dia 10 de novembro.

### ● Público Mil pessoas estiveram na Balada Fight

500, em média, foram ao Music and Fight

**"Com a TeleHelp me sinto mais segura e independente dentro da minha própria casa."**

Lolita Rodrigues

TeleHelp é um sistema que avisa os seus parentes em caso de queda ou emergência, ao simples toque de um botão. Mais segurança para você e tranquilidade para a sua família.

(11) 3585-2000 **tele help** sempre que você

www.telehelp.com.br

**Kalunga**

a rádio das melhores músicas

**ELDORADO FM**

107.3